
PSICANÁLISE E ENSINO

Anelize Teresinha da Silva Araújo

Departamento de Psicologia - SPA -- UFF

Rio de Janeiro - RJ

Resumo

O objetivo deste artigo é pensar as relações entre a psicanálise e as dificuldades no ensino de ciências. Trabalhar-se-ão alguns conceitos: transferência e inconsciente, e a significação destes no processo de aquisição e transmissão de conhecimentos.

Freud postulou três profissões impossíveis: governar, educar e analisar. O que nos interessa aqui é o ato de ensinar. Freud ampliou fronteiras ao pretender pensar o sujeito humano e o que possibilitou seu surgimento tanto quanto o seu sentido.

Recorrendo a obras de Freud tais como: “Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci”⁽¹⁾ “Três ensaios para uma teoria sexual”⁽²⁾ e “O delírio e os sonhos na Gradiva de W.Jensen”⁽³⁾, vê-se afirmado que o desejo de saber tem sua tecitura nos enigmas da sexualidade. Suas teorias nos ensinam que o ato de sublimar permite à criança trocar as manifestações de curiosidade sexual pela aquisição de conhecimentos necessários à luta pela vida em geral. Assim, o desejo de saber alimenta e promove a vontade de conhecer. Freud foi um atento pesquisador do ato de falar. A esta atenção curiosa e a suas históricas devemos o legado que é hoje a Psicanálise, que nos ensina que o sujeito humano faz da fala sua habitação a mais íntima.

O sujeito humano em sua “infância” ao se defrontar com os interrogantes, **a origem dos bebês e a diferença anatômica entre os sexos**, é obrigado a reposicionar-se e para tal inventa as conhecidas teorias de criança. Teorias relativas à equivalência simbólica entre fezes, dinheiro e bebês. Inventam que o pênis da menina um dia crescerá; os meninos temem que os seus sejam cortados e imaginam que mulheres podem ter pênis dentro delas. Assim as teorias sexuais infantis são prototeorias em relação às teorizações que a criança quando adulto desenvolverá.

Em geral a entrada na escola se dá entre 5 a 7 anos (excluindo a pré-escola), fase dos interrogantes citados acima, que a criança faz a si e aos que a cercam. O problema mais significante para o professor é dar-se contada da travessia: **desejo de**

saber/ vontade de conhecer. Tomamos os termos desejo e saber enquanto pertencentes ao registro do inconsciente, que forçam suas presenças à procura de sentido e portanto, constitutivos da vontade e do conhecimento. Ao entrar no processo de escolarização, o aluno deverá apropriar-se de uma teoria, de uma linguagem exterior à sua maneira particular de conceber-se e ao mundo. Verá questionado seu circuito imaginário até então onipotente.

A repetência ocorre especialmente em algumas etapas do ensino: alfabetização; a metade do 1º grau (coincide com a puberdade/ adolescência); a entrada na universidade; estendendo-se ao mestrado e doutorado (as dificuldades relativas à complementação das teses).

Compreende-se que a transmissão e aquisição de conhecimentos pode tornar-se problemática em qualquer nível de ensino e disciplina. Pesquisas em escolas poderiam apontar índices significativos para a correlação repetência/ condições de subjetivação. As limitações no ato de ensinar se devem menos à estrutura cognitiva, mas sim à complexidade da estrutura subjetiva.

Interessa-nos o campo das Ciências, este que em sua teorização exclui o sujeito de aparelhos mentais, fisiológicos, neuronais. Freud também deve à Ciência seu começo. Curiosamente, não quis a publicação do “Projeto de uma Psicologia para Neurólogos”⁽⁴⁾, texto de 1895. No entanto, neste trabalho, como em toda sua obra, “tinha a mais profunda convicção de que a ciência é a produção suprema do homem e a única capaz de conduzi-lo ao conhecimento”⁽⁵⁾ e, por isto, a ciência não pode negligenciá-lo. A teorização científica negligencia o sujeito ao percorrer um caminho fundamentado no objetivo, no real, no esquadrinhável. No entanto, as produções científicas fazem com que o sujeito se defronte com um real diferenciado, criando efeitos. Esses efeitos de subjetividade é o que interessa à Psicanálise. Por exemplo, o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia traz a todos os lares os bombardeios da guerra, no exato momento de seu acontecimento. É fato que a relação que as pessoas passam a manter com os atos de guerra será distinta pela intervenção que as telecomunicações possibilitam.

É Heisenberg⁽⁶⁾ quem afirma: “se pensarmos a respeito dos diferentes conjuntos de conceitos que o passado nos legou ou mesmo naqueles que, porventura, tempos futuros virão nos revelar – frutos da tentativa de encontrarmos nosso caminho no mundo, através da ciência –, perceberemos que tais conjuntos parecem ser *ordenados por uma participação crescente do elemento subjetivo* (o grifo é nosso) no conjunto. A física clássica pode ser considerada como aquela idealização na qual podemos falar sobre o mundo como algo completamente separado de nós mesmos”. Freud, ao atentar para a fala das históricas, testemunha a criação do que será chamado de sujeito do inconsciente, que é engendrado e se engendra nas teias da linguagem, tênue em seu aparecimento e que precisa de um outro em escuta.

Notemos aqui duas questões pertinentes: a função do professor no ensino e a mudança conceitual. Villani abre seu texto “Mudança conceitual no ensino da física: objetivo ou utopia?”⁽⁷⁾ dizendo que apesar das pesquisas sobre este tema, os resultados não são significativos. Ainda declara: “É preciso admitir também que *resistências e bloqueios* epistemológicos assim como limiares e regressão representam aspectos significativos da aprendizagem escolar das ciências” (o grifo é nosso). Refere-se ao entrelaçamento entre o desejo de saber e a vontade de conhecer.

A abstração necessária ao aprendizado de Física associada à mudança na concepção de realidade requer do aluno uma certa disposição que, analisada sob o ponto de vista psicanalítico, considera a apropriação que o aluno, enquanto sujeito, faz do conteúdo que lhe é apresentado. O processo entre aquele que fala e aquele que escuta é o que Freud nomeia de transferência, elevada à categoria de conceito fundamental pelo trabalho de releitura que Lacan propõe à obra de Freud.

O fenômeno transferencial ocorre na transmissão de conhecimentos, favorecendo e obstaculizando este processo, dando acesso ao aparecimento da dimensão inconsciente que se articula em conformidade com a linguagem, fazendo emergir o sujeito, o que poderá por interrogações à estrutura cognitiva.

O convite que o aluno faz ao professor em transferência, traduz-se como um posicionamento da ordem do interesse do sujeito que se oferta como “passivo” à ação do mestre por não poder autorizar-se, enquanto não assina suas próprias questões de pesquisa. Durante anos de nossas vidas escrevemos nossos nomes, assiná-los é tarefa futura. O aluno emite um pedido de ratificação e de retificação dos conhecimentos que vem adquirindo. Imagina ser o professor, o detentor do conhecimento, que autoriza o certo e as correções pertinentes. Pede ao professor que viva por ele a incerteza, o vazio, a extrema solidão do ato de pensar, intrínseca ao **homo sapiens**. É esta suposição sobre o professor que permite o ensino e a transferência.

Transmitir as primeiras letras não é menos fácil que transmitir as leis de Newton. A mudança conceitual não faz sentido como fim em si mesma, pois por si só não constitui uma mera superação às concepções alternativas. Estas levaram a humanidade a romper limites. E são também prenúncios para o futuro. De outro lado, as mudanças conceituais não perdem em importância. Toda área de conhecimentos nos reserva exemplos: Na própria Psicanálise, Freud, ao perseguir a fala da histórica, dispôs a histeria para além da Neurologia, abrindo o campo do inconsciente e seu desejo.

A importância da linguagem para nós humanos é indiscutível.

A regra básica em Psicanálise é simples: Fale, o que vier, fale. Esta não é uma regra banal, ou seja, o analista se põe em estado de paixão como uma mulher que ouve a declaração amorosa de seu amado e, desta posição, alimenta a paixão dele. Assim, o professor, ao perseguir as produções alternativas de seus alunos, alimenta o ato de dizer

e de constituir-se indispensável para o sujeito. Freud ao proceder à mudança conceitual, devida à histórica, além de ofertar a esta um lugar alternativo de acolhimento, passou a andar à cata do sujeito do inconsciente, sujeito impuro e nada disciplinado em sua própria invenção. Lacan diz ser a Psicanálise impossível antes do conhecimento científico, pois ela surge daquilo que a Ciência pôs sob o tapete.

Estudamos o problema da mudança conceitual desde 1988. No início nos chamaram atenção as causas que tanto alunos quanto professores atribuíram para o alto índice de repetência -fatores externos, até mesmo alheios à situação de ensino no momento. Poucos se referiam às questões que nos parecem interessantes, quer sejam: um aluno que apesar das dificuldades se refere à sua paixão pela Física e professores que sentem não terem os alunos a mesma paixão que eles pelo conhecimento. Logo, chegamos a articular a tríade: professor, aluno e conhecimento, de modo a que o professor e o aluno estivessem ambos referidos (transferidos) à vontade de conhecer. Dissemos anteriormente que o aluno supõe que o professor sabe, o que faz abrir o trajeto da transferência. Pelos cânones oficiais e instituídos é claro que o professor de fato conhece. No entanto, esta posição em transferência aponta também para aquele sujeito impuro, nada oficializado e, acima de tudo, frágil. Tal como um bebê se oferta aos cuidados absolutos da mãe, os alunos se ofertam a seus mestres, ao suporem que estes dão conta até do desconhecido. Por mais que um professor domine as leis de Newton, sabe por experiência que este domínio não é suficiente para desbloquear as resistências que seus alunos interpõem à aprendizagem.

Concluindo: para os que lidam com o ensino, se delineia, tomando carona no conhecimento, o sujeito do inconsciente que quer se fazer presente e para isto se enovela nas leis de Newton, nas leis da flutuação, nas primeiras letras... provocando **resistência, bloqueio, concepções alternativas** no percurso de aprendizagem, forçando, por vezes a fórceps, seu nascimento, exigindo ser ouvido. Deste modo, ao se transmitir um conhecimento, qualquer que seja, incluindo aqueles que se pretendem objetivos, há que se ter em mente que nesta transmissão um sujeito virá à cena e não a deixará enquanto seu monólogo não fizer sentido no diálogo transferencial.

Referências

1. FREUD, S.-- “Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci”, 3ª edição; Biblioteca Nueva, Tomo II, Madrid, 1972.
2. FREUD, S.-- “Tres ensayos para una teoria sexual”, idem.
3. FREUD, S. -- “El delirio y los sueños en La Gradiva de W. Jensen, idem.

4. FREUD, S – “Proyecto de una psicología para Neurólogos”, 3ª ed., Biblioteca Nueva, Tomo I, Madrid, 1972.
5. GARCIA-ROZA, L.A. – “Introdução à Metapsicologia Freudiana”, vol.I, 1ª ed., Jorge Zahar Editor, RJ, 1991.
6. HEISENBERG, W. – “Física e Filosofia”, 2ª ed., UNB, Brasília, 1987.
7. VILLANI, A. – “Mudança conceitual no ensino de Física: Objetivo ou Utopia?”, em Atas do III Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, Porto Alegre, 1990.